

BOI de MAMÃO

SECRETARIA DE CULTURA, ESPORTE E TURISMO
FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA

FLORIANÓPOLIS, MARÇO, 1980 No. 01



BOI de MAMÃO

Edição da Fundação Catarinense de Cultura

Diretor Responsável: João Nicolau Carvalho
Editor-Chefe: João Paulo Silveira de Souza
Editor de Arte e Imagens: Gilberto Gerlach
Editora de Texto: Colaca Grangeiro
Conselho Consultivo: Alcides Buss, Carlos Humberto Corrêa, Celestino Sachet, Doralécio Soares, Harry Laus, Holdemar Menezes, Jair Francisco Hamms, Laudelino Santos Neto, Lauro Junkes, Lindolf Bell, Marcos Konder Reis, Nereu Corrêa, Nereu do Vale Pereira, Osmar Pisani, Osvaldo Mello Filho, Paulo Costa Ramos, Salomão Antonio Ribas Júnior, Silvio Coelho dos Santos, Theobaldo Costa Jamundá.

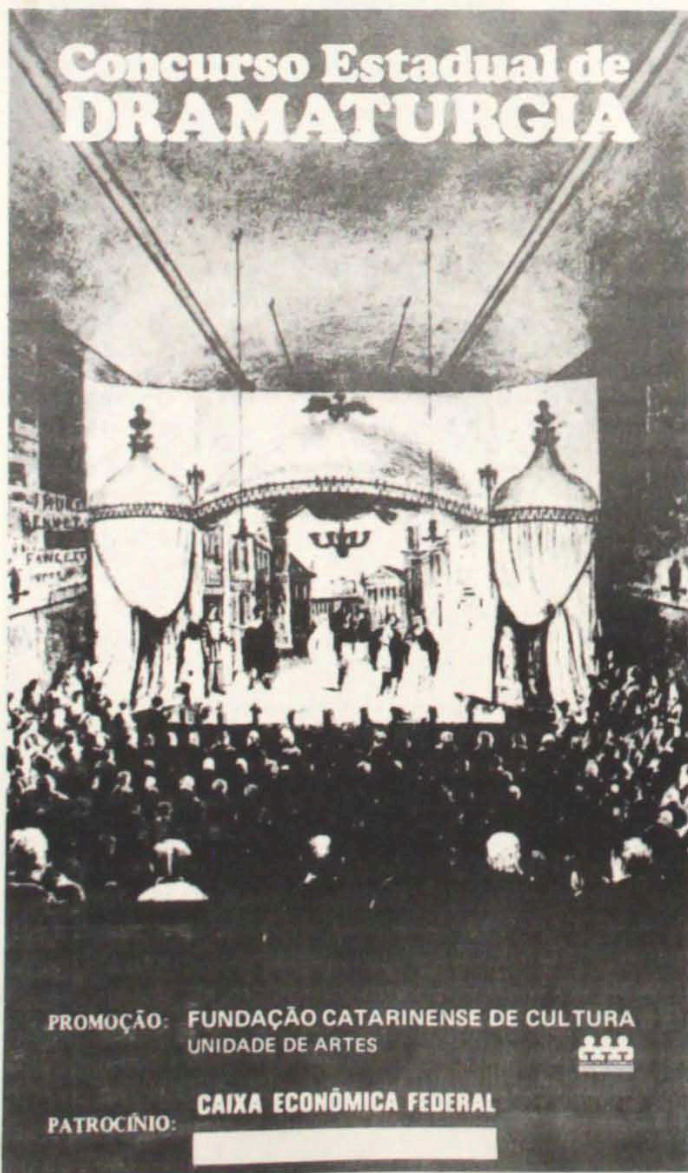
Arte: Kleber Rigueiras
Composição de Texto: Déborah Regina Lacombe, Maria H. Milani, Carlos A. Pereira, Lenir Lúcia da Silva, Mauriliano Pereira Costa, Marli Basquerote Walter, Arlete Raupp.
Serviços Gráficos: Neri Marçal
Revisão: Joice R.C. Lape, Tereza Aguiar, Salette Caset, Janete Ratuchenski, Célia Venâncio, Marise V. Andrade.

Capa: Mulher Gorila.
 Escultura em pedra de Arno Georg. Rio do Sul.

Composto e Impresso nas Oficinas da Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina (IOESC) — 1980



ESTADO DE SANTA CATARINA
 SECRETARIA DE CULTURA, ESPORTE E TURISMO
 CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA



OBJETIVO:

- Incentivar a formação de uma dramaturgia estadual, bem como a produção e/ou pesquisa de textos inéditos de dramaturgos catarinenses.
- Dar abertura à dramaturgia de temática regional.
- Atender à necessidade de ampliação da reduzida literatura dramática adulto-infantil catarinense.

REGULAMENTO:

- **Categorias:**
Os autores poderão inscrever peças inéditas na categoria adulta e/ou infantil, ficando a seu critério a categoria desejada.
As peças deverão ser necessariamente inéditas, ou seja, não representadas ou submetidas à leitura pública.
- **Inscrições:**
• Poderão ser feitas diretamente no local:
Fundação Catarinense de Cultura — Rua Victor Konder, 71 — Florianópolis — CEP 88000, diariamente de 2a. a 6a. feira, das 8:00 às 12:00 e das 14:00 às 18:00 horas.
Se forem enviadas pelo correio, os trabalhos deverão vir sob registro, cuja data será considerada a da inscrição.
• Em ambos os casos, o envelope deverá conter a especificação: **CONCURSO ESTADUAL DE DRAMATURGIA e a categoria de inscrição** (adulto ou infantil).
• Caso se inscreva nas duas categorias o autor deve enviá-las em envelopes separados.
• As obras deverão ser enviadas em 4 (quatro) vias,

em tamanho ofício, com todas as folhas numeradas, datilografadas apenas numa face, em espaço dois. Os textos devem ter o pseudônimo do autor e sem o título.

Os originais devem ser acompanhados de um envelope lacrado contendo:

- Nome da peça
- Pseudônimo usado
- Nome verdadeiro e endereço completo
- CPF

— PREMIAÇÃO:

Atribuir-se-ão prêmios no valor de Cr\$ 90.000,00 (noventa mil cruzeiros) aos classificados, dentro da seguinte classificação:

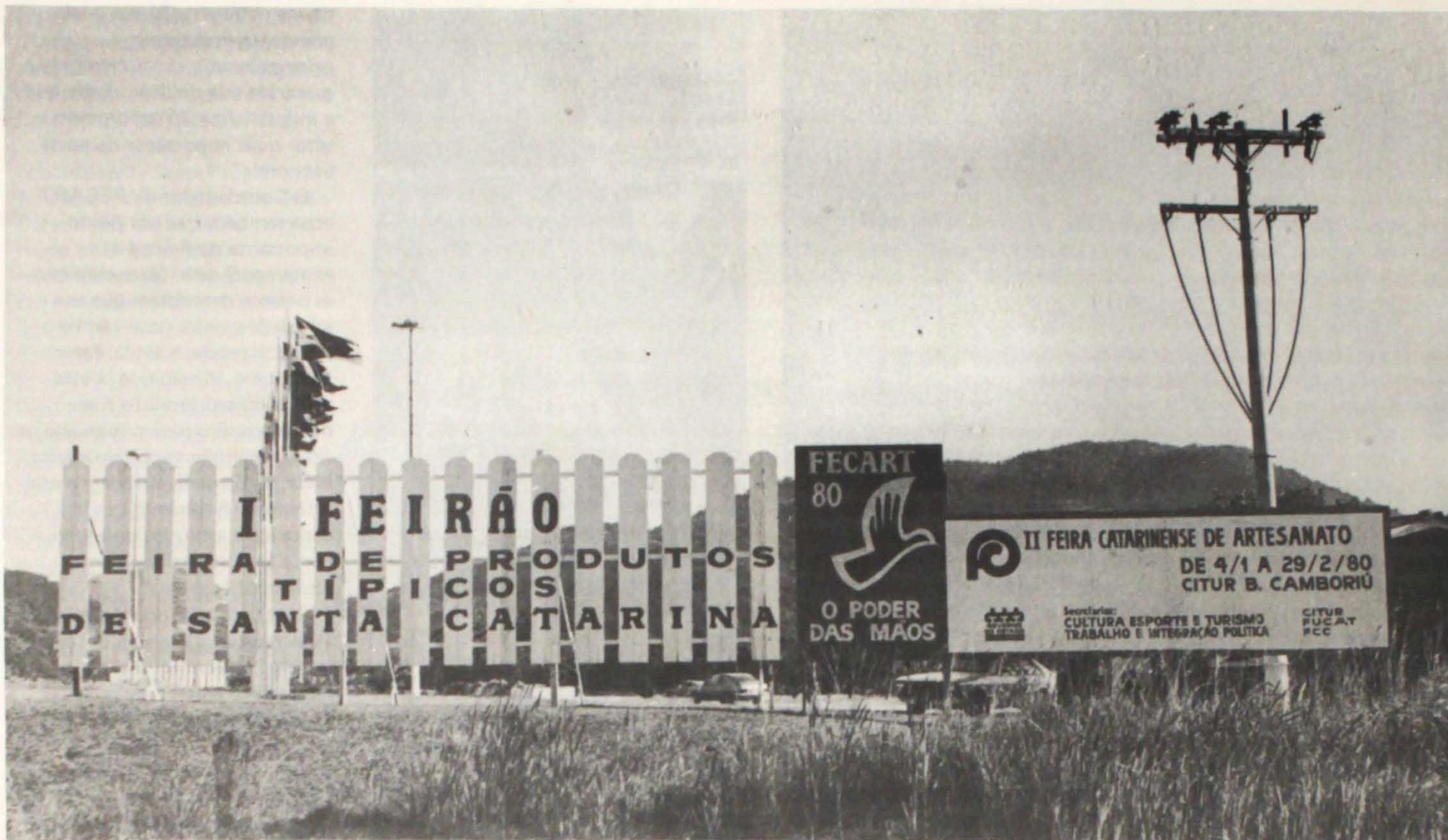
- Categoria Infantil — Cr\$ 20.000,00
- Categoria Adulta — Cr\$ 30.000,00

Haverá uma premiação especial no valor de 40.000,00 para o candidato que escrever a melhor obra de temática regional, dentro de qualquer uma das duas categorias (adulto ou infantil).

- Os prêmios atribuídos pela CEF serão entregues em forma de caderneta de poupança.
- A FCC compromete-se a publicar a obra de premiação especial, com a tiragem de 1.000 (mil) exemplares, cabendo ao autor 10% da edição, sobre o preço de capa.
- À FCC serão cedidos os direitos autorais dessa 1a. edição.

— PRAZO:

- As inscrições, no local ou enviadas pelo correio, serão aceitas até o dia 20 de junho de 1980.



O Trabalho das Mãos (feito com muita cabeça).

Pelo menos num ponto os artesãos que expuseram na Feira Catarinense de Artesanato, montada no Pavilhão da Citur, no Balneário Camboriú, tem expressado unanimidade: a Feira é uma excelente forma de apoiar e incentivar a produção artesanal do Estado, já que possibilita ao artesão vender e mostrar seu trabalho ao público oportunidade que não tem sido freqüente aqui no Estado.

Se não tivessem outros motivos para estar satisfeitos com os resultados da FECART, só este fato bastaria aos seus realizadores para justificar o empreendimento e ver que ele vem atingindo os objetivos propostos. Sem dúvida, a FECART — uma promoção da Fundação Catarinense de Cultura, Fundação Catarinense do Trabalho e Citur — tem obtido bastante sucesso, como atestam esses números: no período inicial da Feira, em apenas 10 dias de funcionamento, foram vendidos Cr\$ 2.700.000,00 de mercadorias, distribuídas por 106 "stands" e que mobilizam o trabalho de

cerca de 400 artesãos, cuja faixa de idade se situa entre 20 e 30 anos, indicando, portanto, uma maior incidência de jovens que se dedicam, hoje, ao trabalho artesanal no Estado.

As mais de duas mil pessoas que visitaram diariamente a Feira, apreciaram e também compraram artesanato das mais variadas formas. Lá estavam à venda produtos de cerâmica, porcelana, cestaria (havia também dois "stands" destinados à venda de material confeccionado por grupos indígenas catarinenses), mobiliário, trabalhos em couro, lã, pedra, pintura, comidas caseiras e uma infinidade de artigos característicos da atividade artesanal de Santa Catarina.

Diante desse quadro, os organizadores da FECART viram com muito bons olhos essa promoção, já que ela foi realizada como sendo um termômetro de avaliação para a execução do Programa Catarinense do Artesanato, que será desenvolvido em Santa Catarina, com base no Projeto Nacional de Desenvolvimento do Artesanato, instituído em 1975 e aprovado no ano passado. A Feira, pode-se dizer, é o embrião lançado pelos idealizadores do Programa para testar várias coisas relativas à produção artesanal aqui do Estado, entre elas: fazer a

amostragem do artesanato, medir a aceitação do público pelo que se produz e testar a capacidade do poder público em agenciar, a curto prazo, um potencial de produção.



Para o coordenador da FECART, José Silveira D'Ávila, renomado artista plástico, natural de Florianópolis e que desde 1947 vem desenvolvendo campanhas e estudando artesanato, a Feira foi o passo inicial para se implantar o Programa Catarinense de Artesanato, que terá, como meta primordial, a garantia da comercialização do artesanato, sem esquecer os aspectos sócio-culturais que envolvem essa atividade em nossa sociedade. Enquanto fala dos objetivos do

Programa Catarinense de Desenvolvimento do Artesanato, D'Ávila recheia sempre sua explanação com expressões alusivas a essa atividade que acima de tudo é arte. "Enquanto existirem cérebro e mãos — fala ele com insistência, o artesanato vai existir. Mas como força produtiva, ele precisa se tornar um trabalho organizado, para apresentar rentabilidade, dentro da economia de mercado".

E é através do PCDA que D'Ávila vê a possibilidade de se atingir essa organização. O Programa, concebido a partir das diretrizes do PNDA, executado pelo Ministério do Trabalho, de acordo com D'Ávila, "atende perfeitamente aos interesses dos artesãos, de uma forma realista, moderna, onde todos os valores sócio-econômicos estão evidenciados". Esse Programa, do qual o coordenador da FECART participou de sua elaboração, é baseado numa definição operacional da palavra artesanato, onde se procura obter uma maior abrangência de sua significação e finalidade. Sob essa concepção, artesanato é uma atividade predominantemente manual de produção de um bem que requeira criatividade e/ou habilidade manual, podendo ser utilizadas ferramentas e máquinas. Artesanato é, também, de acordo com o PNDA, o



resultado da montagem individual e componentes, mesmo anteriormente trabalhados, e que resulte de um novo produto.

Muito mais que uma atividade somente artística, o artesanato, para D'Ávila é um produto resultante de um trabalho que, se comercializado de forma organizada, possibilita tornar rentável uma atividade cotidiana de nosso povo que, por falta de conscientização e orientação não se vale dela, na maioria das vezes,

para obter renda. Ele diz que é importante conscientizar nossas avós, mães e também os jovens que se dedicam a trabalhos como tricô, crochê, bordados, comidas caseiras, conservas e outras coisas mais, feitas diuturnamente por grande parte da população, de que seu trabalho é também artesanato e que ele pode ser comercializado, possibilitando, muitas vezes, gerar melhores condições de vida do que "muitos subempregos ou empregos de



pouca remuneração aos quais grande parte do povo, principalmente as mulheres, passaram a se dedicar, desde que a industrialização se tornou o setor mais importante da nossa economia".

O Coordenador da FECART acha também que um ponto importante da Feira é exatamente este: fazer com que as pessoas descubram que sua atividade caseira pode também produzir renda, e ainda, fazer com que o artesão que já está vendendo seu produto traga novos artesãos para o mercado, a fim de que não se cultive a falsa idéia, já tão generalizada, de que artesanato é somente renda, cerâmica e artefatos de couro, como se convencionou em muitas cabeças.

Buscar formas de incentivar essas pessoas a prosseguir, realizando seu trabalho e possibilitar apoio para que elas encontrem viabilidade para isso, são objetivos do Programa Catarinense de Desenvolvimento.

Para executá-lo estão envolvidos recursos e pessoas da Secretaria Extraordinária do Trabalho e Integração Política,



AMURES

ASSOCIAÇÃO DOS MUNICIPIOS DA REGIÃO SERRANA

BOM JARDIM DA SERRA-CAMPO BELO DO SUL- SÃO JOAQUIM.

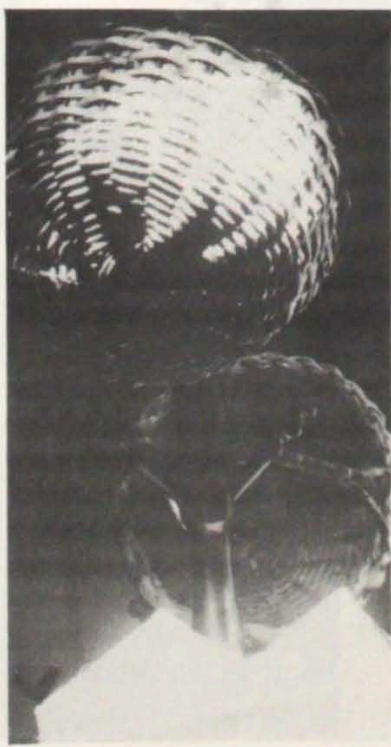
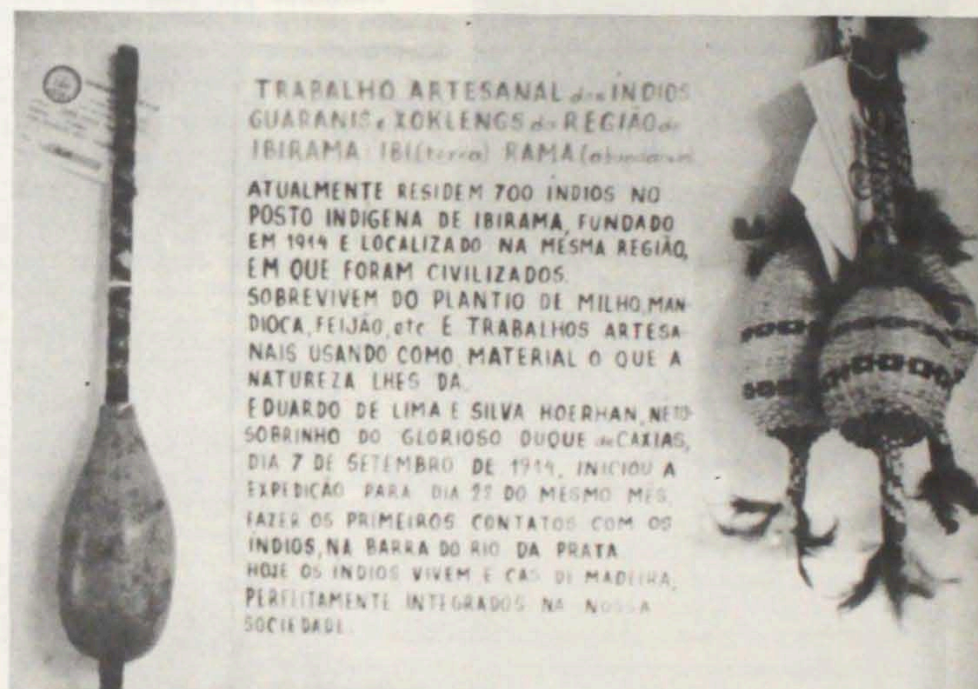
Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo, Fundação Catarinense de Cultura, Fundação Catarinense do Trabalho e Companhia Catarinense de Turismo (Citur).

O passo inicial para concretização desse Programa já foi dado — foi criada a Comissão Catarinense do Artesanato, que reúne os cinco órgãos responsáveis pelo Programa e outras instituições que têm ligação com as classes produtoras do Estado, como a Legião Brasileira de Assistência, Sesi, Senai. Nessa primeira etapa, o Programa será dirigido para o conhecimento da realidade em que irá atuar, fazendo-se um cadastramento de todos os artesãos do Estado. Será também realizado um plano de qualificação profissional desse pessoal e um levantamento do potencial de artesanato

existente. Serão ainda sondadas as viabilidades para estudar as linhas colocadas no mercado, vindo-se, então, a se criar uma rede de captação e orientação

e um instituto de pesquisa do artesanato.

Esse programa deve manter sempre a harmonia dos órgãos que compõem o conselho executor e garantir o retorno dos investimentos realizados. Para isso, salienta José Silveira D'Ávila, é necessário que sejam buscadas formas de ele se autogerir e, ainda, que esse trabalho seja gerenciado por pessoas com mentalidade empresarial, mas que possuam também sensibilidade para o componente artístico-cultural que reveste o produto a ser comercializado.





JOSÉ ARTHUR BOITEUX nasceu a 9 de dezembro de 1868, na cidade de Tijucas, e faleceu a 8 de janeiro de 1934, em Florianópolis. Depois de cursar os colégios primários de Félix Vaes (Tijucas) e José Maria Branco (Desterro), passou a frequentar, durante 3 anos, o Ateneu Provincial, onde tirou os preparatórios, tendo sido sempre premiado; fez o 1.º e 2.º ano de Direito na Faculdade de São Paulo, concluindo o curso na Faculdade Livre do Rio de Janeiro. Foi revisor do Diário Oficial, na Capital Federal; oficial-de-gabinete do governador Lauro Müller; secretário da Estatística Comercial, nesta Capital; promotor público interino da República; lente do antigo Gíndio Catarinense; secretário do 1.º governo do Dr. Hercílio Luz; oficial-de-gabinete do ministro Lauro Müller, quando na pasta da Indústria Viação e Obras Públicas; deputado estadual em quatro legislaturas e deputado federal em uma. Foi também secretário geral da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro; sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico deste Estado; lente catedrático da Escola Superior de Comércio, no Rio; secretário do Interior e Justiça, em Santa Catarina.

Em 1920, José Arthur Boiteux incentivava a criação da Sociedade Catarinense de Letras, hoje, a Academia Catarinense de Letras, onde ocupou a cadeira No. 17, cujo patrono é Jerônimo Coelho, cadeira esta ocupada até há pouco por outro nosso ilustre historiador, Oswaldo Rodrigues Cabral.

O Instituto Politécnico, criado em Florianópolis, em 1917, e a Faculdade de Direito, de 1932, foram também iniciativas da qual este catarinense esteve presente.

Contemporâneo de Virgílio Várzea, Santos Lostada e o poeta Cruz e Sousa, José Boiteux muito contribuiu com a Literatura Catarinense, legando-nos um Dicionário Histórico e Geográfico de SC, mais 3 outros tratados sobre Os Partidos Políticos de Santa Catarina, Organização do Ensino em SC, e subsídios para a defesa dos direitos de SC na "Questão de Limites". Dois livros de contos de sua autoria foram editados: Arcaz de um Barriga-Verde e Águas Passadas, de onde extraímos, deste último, um excerto de um de seus contos, "Viva, Seu Boi!".

Janeiro 1871: VIVA SEU BOI!

Foram correndo os meses, até que se abriu a madrugada de dezembro.

Desde esse mês, revestira-se a cidade de Desterro das galas costumeiras nesses dias memoráveis.

O velho palácio solidarizou-se com as demais casas da capital nessa expansão de alegria comunicativa.

— Vamos ter a dança do boi! Ouvi dizer, há pouco, quando passava pela loja de ferragens do Antonico Jaques, lá na Rua Augusta, e, mais, que o pessoal sairá de lá perto, do Largo de Santa Bárbara.

Quem assim falava era um filho do presidente*, que acabava de chegar da aula particular do professor Anfilóquio Pires.

Ao ouvi-lo, exclamou sua excelência:

— A dança do boi! Ainda bem! Tanto desejo apreciá-la!

E determinando ao tenente Jorge Rodrigues Cidreira, oficial às ordens:

Entra em cena o pai Mateus:

Vem, meu boi Malhado,
Vem fazer bravura,
Vem dançar bonito,
Vem fazer mesura.
Vem dançar, meu boi,
Brinca no terreiro,
Que o dono da casa
Tem muito dinheiro.

Enquanto isso, enquanto não lhe chega a vez de apresentar-se, a cabrinha corteja as moçoilas.

Novos versos do vaqueiro, novas marradas do boi, novos pinotes do cavallinho, novas cabriolas da cabrinha...

Estalavam as risadas, que se repetiam com a incorreção da versalhada estropiada, forçando rimas.

Convidado pelo presidente a subir ao salão central do palácio, o grupo aceitou prazerosamente.

— Repitam, repitam tão engraçada diversão. Nada de acanhamento. Como lá embaixo... — recomendou o presidente.

— Como vossa excelência ordena — respondeu o vaqueiro, descobrindo-se.

Ante a benevolente atenção da primeira autoridade da província, redobram todos — vaqueiro, pai Mateus, boi, cavallinho, cabrinha, pastores — no entusiasmo das danças, marradas, pinotes e saracoteios.

— Eia, bumba, meu boi! Meu boi-de-mamão!

E o Malhado a pinotear, fingindo agressões.

Começou o vaqueiro os improvisos:

Aqui estamos, minha gente,
Fazendo nosso boi dançar,
Certos de o nosso presidente
Nossas faltas perdoar...

E a farândola em peso:

— Eia, bumba, meu boi!

E o pai Mateus, por sua vez:

E o nosso boi Malhado
Nunca visto tão contente,
Vai agora, sem demora,
Saudar senhor presidente.

E determinando ao boi:

— Cumprimenta, Malhado, seu doutor presidente!

À voz do vaqueiro, que brandia a agulhada, o boi, depois de um brusco movimento, que dilatou a roda que o cercava, saudou o Dr. Bandeira de Gouveia, raspando quase, com as guampas, o soalho atapetado.

E o presidente, sem mais tir-te nem guar-te, alongando os braços, num desmedido cumprimento:

— Viva, seu boi!

— Vá convidar o mestre-vaqueiro a trazer aqui, logo à noite, o boi, o cavallinho, a cabrinha, o pai Mateus, enfim todo o pessoal...

A noitinha, partindo do galpão situado junto ao antigo forte, à luz de archotes, começou o grupo a percorrer as ruas da cidade, que se movimentou, convergindo para o largo do Palácio.

À frente, os músicos, tocando viola, flauta, violão, puíta e cavaquinho. No meio, o boi, um rapaz forte e já traquejado, por alcunha **Retumbão**, coberto com a pele desse animal, ajustada convenientemente numa armação. Acompanhando o **Malhado**, que ia distribuindo, à direita e à esquerda, marradas aos circunstantes, caminhava, aos pinotes, o cavallinho e, pouco atrás, a cabrinha, um rapazote, sempre mesureiro para as moçoilas.

Acompanhado do povilêu, que engrossava de minuto a minuto, o grupo rumou pela Rua Augusta, desembocando na praça principal, entoando o seguinte coro:

Olha o boi, olha o boi,
Que te dá;
Ora, entra pra dentro,
Meu boi marruá.
Olha o boi, olha o boi,
Que te dá;
Ora, ao dono da casa,
Tu vais festejar.

Já então informado de que seria agradável ao presidente dançasse o boi em frente ao palácio, ali ergueu o vaqueiro a guilhada e gritou:

— Eia, bumba, meu boi! Meu boi-de-mamão!

Estrungiram palmas de uma das sacadas. Animado por tão expressiva demonstração, pai Mateus abriu a roda e colocou ao centro o boi e a cabrinha.

Com o acompanhamento da música, sob a cadência marcada pela puíta, começou o vaqueiro a cantar uma ária, cujo estribilho era, em coro, entoado pela gente que completava a farândola.

Tirando o assunto dos circunstantes, de fatos e personagens do lugar, o vaqueiro, lépido sempre, a saltar, ora para um lado, ora para outro, lançava quadrinhas improvisadas no momento:

Eia, bumba, meu boi,
Que a carestia aí está:
Came e peixe não se vê,
E de milho nem fubá!
Meu Malhado é bonitinho,
Brinca em todo lugar;
Brinca aqui, no Desterro,
Pra quem o manda chamar.

Nesse ínterim, o boi se encarregava de completar o efeito almejado, investindo contra o alvo das sátiras e epigramas ou dos mal disfarçados elogios.

— E arremete, Malhado, esta gente que aqui está! — ordenava o vaqueiro.

— Eia, bumba, meu boi! Meu boi-de-mamão! — gritava o povilêu.

Depois de várias evoluções, grita,



com entusiasmo, o vaqueiro:

O meu boi é de Lages,
É um valentão,
Chegando ao capinha
Derruba-o no chão.
Caminha, meu boi,
Vamo-nos embora,
Que a viagem é longa,
Daqui para fora.

Não se poudes conter o vaqueiro:

Nunca vi boi tão feliz
Como este meu Malhado!
Pois recebe do seu Gouveia
Cumprimento bem rasgado...

Animado pela correspondência dos cumprimentos, volta e meia o Malhado enfrentava, do mesmo jeito, ao Dr. Bandeira de Gouveia, que repetia, em meio da risada geral:

— Viva, seu boi!

E desceu a farândola a escadaria do palácio, cativa da amabilidade extrema da primeira autoridade da província, rebentando em farta rebolaria de risos e de vozes.

Pai Mateus, em despedida, com a voz engrolada, devido à vinhaça emborçada na alegre passeata:

— Alevanta, Malhado!
E a rapaziada em coro:
— Lá vai o boi!

Chega a vez do vaqueiro:

— Vem de lá, meu boizinho!

De novo, o pessoal, dobrando no entusiasmo:

— Lá vai o boi!

Reunidas em bloco, as figuras, ao chegarem ao ponto da partida, dissolvem-se, cantando em despedida:

Retiremos, meu bem, retiremos,

Acabou-se a nossa função;
Esperemos pelo ano que vem,
Forrados da mesma animação.

No mês seguinte, o presidente foi substituído...

Por que?! Indaga daqui, indaga dacolá, veio-se a saber que fora o — Viva, seu boi! — que deslocara o Dr. Bandeira de Gouveia da casa grande do Largo do Palácio, não menos contribuindo para a sua demissão a violência por ele cometida com a prisão, em massa, dos empregados no comércio, que, num circo de cavallinhos levantado no Campo do Manejo, ao entrar no pavilhão, o alvejaram com dichotes e galhofas.

Assim, aos sentar-se no seu camarote especial, a rapaziada, toda combinada, gritou uma voz:

— Arria a bandeira!

E, quando para retribuir o respeito ao cumprimento de certa autoridade, sua excelência se levantou, o pessoal, provocando novas gargalhadas, estas então de pôr abaixo o circo, exclamou com voz de falsete:

— Suspende a bandeira!

A 7 de janeiro, já contava Santa Catarina outro administrador, o 1.º vice-presidente, Dr. Guilherme Cordeiro Coelho Cintra.

E por muito e muito tempo, anos e anos a seguir, principalmente "quando o boi dançava", era sempre lembrada, quando vinha à baila o nome do antecessor, na presidência da província, do Dr. Delfino Pinheiro de Ulhôa Cintra Junior, a saudação destrambelhada do Dr. Bandeira de Gouveia:

— Viva, seu boi!

* Dr. Joaquim Bandeira de Gouveia (1871-72)





O Folguedo do Boi-de-Mamão

Trata-se de uma das brincadeiras de maior aceitação popular no Folclore Catarinense. Existe no folclore brasileiro com os nomes mais diversos: *Bumba Meu Boi*, *Boi Bum Bá*, *Boi Pintadinho*, *Boi de Reis*, *Boizinho*, *Boi de Cara Preta*, *Boi Calemba* e outros; e, entre nós, *Boi-de-Pano* e *Boi-de-Mamão*. Pelo seu aspecto dramático se enquadra num "auto", cuja pantomima representativa não foge do tema "morte e ressurreição do boi". No norte e nordeste, a sua apresentação é mais dramática, onde os grupos organizados, mesmo autênticos, se profissionalizam em excursões que duram meses.

No sul, em Santa Catarina, se apresenta um *Boi-de-Mamão* de criação mais graciosa, com danças mais alegres, passando a brincadeira a encantar principalmente as crianças, a despeito mesmo do seu temor pelas investidas do *Boi* e da fantasmagórica *Bernúncia*, que as procuram para engoli-las.

A popularidade do folguedo do *Boi-de-Mamão* entre nós é inconteste. Atribui-se a sua introdução aos Açorianos que do arquipélago dos Açores, para cá se transferiram em princípios de 1749 a 1752 em número superior a 5000 pessoas. Estas famílias estabeleceram-se na Ilha de Santa Catarina, e um pequeno número foi deslocado para Laguna. É natural que seus costumes fossem se manifestando e se integrando aos novos hábitos da terra que se dispuseram a colonizar. A *ricota* e da *Bernúncia* — a primeira, a mulher gigante de se-

cultura rudimentar dessas famílias se manifestou através das suas crenças, da medicina caseira, das superstições, das suas crenças religiosas, dos mitos, das lendas, das suas danças e folguedos, cujas raízes se manifestam nos dias que passam, e que ainda continuam sendo pesquisadas e estudadas pelas gerações.

Câmara Cascudo reforça esta assertiva de atribuir aos açorianos a introdução do folguedo do *Boi-de-Mamão* em nossa ilha: "... Houve também em Espanha e Portugal os touros fingidos, feitos de vime e bambu, arcabouço de madeira frágil e leve, recoberto de pano, animado por um homem no seu bojo, dançando e pulando para afastar o povo e mesmo desfilando diante de Reis". (Dicionário de Folclore Brasileiro, 2o. V., 3a. Ed. AI, INC/MEC, 1972).

O folclorista lusitano, Luiz Chaves diz, entre seus escritos, que na sua juventude, na então "Vila Real", participou dos folguedos as *tourinhas*, descrevendo-a: "... a personagem principal se constituía de uma tábua, recoberta por fazenda ordinária, geralmente um tecido estampado. A tábua em um dos seus extremos empunhava um par de madeiros, qual uma tosca imitação de chifres, que por perigosos, ameaçadores, trazia de pavor os pirralhos do meu tempo".

No *Boi-de-Mamão* de ontem não figuravam as figuras da *Mamã* e da *Bernúncia* — a primeira, a mulher gigante de se-

melhança ocidental; a segunda, a imagem terrível, réplica do grande dragão celeste chinês, "que comeu Mané João e come tudo o que lhe dão".

Dezenas de *Bois-de-Mamão*, dos mais diversificados tipos, são encontrados pelo litoral ou interior de Santa Catarina: em Imbituba encontramos um *Boi-de-Mamão* formado por um casal de figuras dantescas, de nomes *Pai João* e *Saborosa*, com aproximadamente 3 metros de altura, cujas cabeças eram de "porongo" (catuto) oco com olhos, nariz e boca recortadas e recobertas internamente com papel transparente, iluminado em seu interior, o que resultava em movimentos vivazes, quando dançados à noite; em volta deles dançavam as figuras de um leão e uma *cobra jibóia*, com mais de 5 metros, movimentada no seu interior por 5 crianças. Também em Jaraguá do Sul, município de teuto-brasileiros, encontramos esse conjunto com um número de 25 figuras, além do *Vaqueiro*, o *Mateus* e a cantoria: era o *Boi-de-Mamão* do Seu Manoel Rosa, o "Manequinha", composto de 2 *Bois*, duas *Bernúncias*, duas *Cabrinhas*, o *Cavalo-Marinho* e a *Burrinha*, 2 *Ursos*, a *Onça* e o *Macaco*, os casais de *Vovó* e da *Mariola*, *Nhô Bastião*, *Nhô Zaru*, *Sarará*, o *Bicho-Sugão*, a *Bruixa* e o *Satanás*. Todos de uma riqueza de personagens extraordinária, muito semelhante aos *Bois* do nordeste.

(Doralécio Soares)

NOA NOA, uma editora para bibliófilos.

Desde 1978, os que se interessam pelos acontecimentos editoriais nesta Ilha de Santa Catarina vêm sendo surpreendidos, de quando em quando com o aparecimento discreto, sem alardes publicitários, de algumas edições de apurado bom gosto e nível gráficos, apresentando textos cuidadosamente selecionados. Distanciada da feroz e, até certo ponto, tragicômica batalha das empresas editoriais pela conquista de um mercado alienado e renitente, surgia desde então a NOA NOA, uma editora para bibliófilos, instalada em modesta saleta à Rua Vidal Ramos, 75, e que, num rasgo de audácia realmente inédita ante os padrões comerciais de hoje, apresentava ao leitor florianopolitano primorosas traduções de poemas de John Donne e E.E. Cummings, em edições com tiragens limitadas, compostas manualmente a tipos.

Cleber Teixeira, carioca, poeta de grande sensibilidade, artista gráfico, editor, é o criador da NOA NOA e o único responsável pelas atividades da editora. Consciente da sua "loucura", deixa-se no entanto levar com toda a serenidade pelo "anjo torto", que o induz ao trabalho ingrato de divulgar, sem qualquer auxílio, oficial ou não, títulos importantes e pouco conhecidos no Brasil da melhor literatura mundial, assim como de prestigiar os autores novos, talentosos, que ainda não tiveram chances dentro da competição editorial brasileira.

Como nasceu a NOA NOA, as suas dificuldades, o que já realizou, os seus planos para este novo ano, são relatados no depoimento a seguir, que Cleber Teixeira ofereceu ao "Boi-de-Mamão".

"A Editora NOA NOA existe desde 1965, quando publiquei o meu "10 POEMAS", edição de 50 exemplares, manuscrita e ilustrada com xilogravuras também minhas. Com esta edição nasceu a NOA NOA (homenagem a Paul Gauguin, cujo livro "NOA NOA" li na edição fac-similar do original — manuscrito fartamente ilustrado). Não tínhamos na época nenhuma estrutura empresarial e nem mesmo existência legal. A editora era uma aventura séria que precisávamos fazer dar certo. Ainda em 65, compramos uma pequena, frágil e velha máquina tipográfica movida a pedal e alguns tipos (nove famílias corpo 8 e uma corpo 12 — a única usada regularmente, o que exigia malabarismos para que a repetição fosse discreta e a monotonia suportável). Trabalhamos alguns anos com modestíssimos recursos gráficos. Como eu era compositor, impressor, revisor,

comprador de papel, etc., etc., — e isto depois de cumprir um expediente diário de 8 horas, primeiro no Instituto Nacional do Livro e depois na Bloch Editores, a nossa produção era bem modesta. Já na fase tipográfica editamos "13 POEMAS DO POETA, CAVALEIRO SEM CAVALO E TIPOGRAFO CLEBER TEIXEIRA", "POEMAS ESTRANGEIROS", "MALLARMAGEM" (poemas de Mallarmé traduzidos por Augusto de Campos), o meu "ARMADURA, ESPADA, CAVALO E FÉ" (fragmentos 1 a 8), "MADEMOISELLE FURTA-COR", de Armando Freitas Filho; "DAS TRIPAS CORAÇÃO", de Ângela Melin.

Em 1977 mudamos do Rio de Janeiro para Florianópolis, legalizamos a editora e passei a dedicar tempo integral ao trabalho editorial. Em 1978, compramos equipamento gráfico mais possante e passamos a produzir mais. Editamos então "JOHN DONNE: O DOM E A DANAÇÃO" (poemas de John Donne traduzidos por Augusto de Campos); "AS MULHERES GOSTAM MUITO", de Ângela Melin; "DEZ XILOS" (xilogravuras de Jayro Schmidt); "20 POEMAS DE E.E. CUMMINGS", tradução de Augusto de Campos; "EDGAR POE, THE ANCIENT RAVEN ET MOI E OUTROS POEMAS", de; Cleber Teixeira; "ARMADURA, ESPADA, CAVALO E FÉ" — fragmentos 1 a 21; "VENTO SUL", de Pedro Port; "PAUL GAUGUIN, UMA ENTREVISTA" e "13 ESCRITOS", de Francis Porge (tradução de Júlio Guimarães). Temos no prelo um importante ensaio de W. H. Auden, "SABER, FAZER E JULGAR".

Tenta-se, na oficina da NOA NOA, preservar o gosto pela tipografia, editando-se livros cuidadosamente planejados e executados. Nosso processo de composição é manual e usamos sempre que possível papéis importados. O programa editorial é, para nós, o mais importante. Trabalhamos para enriquecer nosso acervo cultural, seja divulgando aqui os grandes escritores pouco conhecidos ou divulgando o trabalho de autores novos nos quais acreditamos. A escolha dos títulos a serem editados é de exclusiva responsabilidade do editor e refletem, portanto, um posicionamento.

Os bons propósitos, entretanto, não levam muito longe: — o empreendimento editorial é um péssimo negócio (falo, é claro, de uma editora com o programa da NOA NOA e com a falta de recursos que sempre nos atormentou).

Um anjo lúcido e objetivo está sempre me dizendo que o melhor é parar enquanto é tempo, mas um anjo torto aliciador irresistível está sempre me dizendo que parar vai



1980 abril 1980

DOM	SEG	TER	QUAR	QUIN	SEX	SAB
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30			

1980 março 1980

DOM	SEG	TER	QUAR	QUIN	SEX	SAB
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

doer mais do que está doendo mantê-la. Tapando os ouvidos para não ouvir nem um nem outro, prosseguimos.

Nossas tiragens oscilam entre 400 e 600 exemplares e a distribuição tem sido artesanal, cabendo parte do seu êxito aos meus muitos amigos que, sem nenhum interesse comercial, ajudam a NOA NOA a distribuir os seus produtos em cidades como Rio, São Paulo, Brasília, Porto Alegre e Curitiba.

Temos sido agradavelmente surpreendidos com pedidos de livros pelo reembolso postal, uma inestimável vereda para a circulação do livro. A constatação de que os nossos livros estão circulando e até mesmo em lugares onde acreditávamos que eles jamais chegariam, nos ajuda a perseverar, a não desistir antes de esgotar as últimas reservas de entusiasmo".



... como separamos mas refreçadas por folhas de bananeiras. Nos camur-
nas e o varicador tend passado. Mas nos jardins de um livro mudo possa se reco-
nhecer sob mil disfarces: pelo anel ou alguma fivela...
In "Destino, o maior carnaval do mundo",
1932 por Antonio Adriano M. dos Anjos.

"COMÉDIA SECRETA"

Foi com este título que Rodrigo de Haro inaugurou sua 1a. exposição de 1979, em Porto Alegre, no mês dos seus 40 anos, em maio. Em setembro estaria em São Paulo, na Ars Artis, com desenho e pintura, e, a convite, participando do Panorama da Pintura Brasileira do Museu de Arte de São Paulo, para onde transportou uma Judith, uma Santa Bárbara e uma Santa Maria Magdalena, em acrílico s/tela, todas medindo 1,65 x 1,00 m.

Em Porto Alegre, onde havia estado 3 anos antes, Rodrigo mostrou 15 desenhos, 7 gravuras em metal, 5 aguadas e uma coleção em pintura sobre flores. Claudia Lindner, Folha da Manhã, 07.05.79: "Tudo começou na França, onde Rodrigo de Haro nasceu quando seu pai, o pintor Martinho de Haro, desfrutava em Paris de um prêmio de viagem no exterior. A infância, porém, se deu entre os campos e tradições coloniais de uma fazenda do interior catarinense, no mais frio dos municípios brasileiros: São Joaquim. Até perto dos 12 anos de idade, quando foi estudar com os padres jesuítas em Florianópolis, Rodrigo de Haro curtiu seus "inocentes anos" em meio à vida na fazenda do Coronel Antonio Palma, lendo os livros deste coronel, seu avô, de Victor Hugo e Torquato Tasso, por exemplo. Aos cinco anos,

Rodrigo impressionou-se definitivamente quando viu um filme de Mankiewicz, Joseph L. (*Dragonwyck*/O Castelo de Dragonwyck, 1946), que tinha imagens fantásticas. Desde então, e depois de tomar a primeira garrafa de *Chianti* aos 17 anos, tornou-se cinemaníaco, encontrando na sétima arte as mesmas motivações que inspiram suas telas."

— Olho o mundo em seu aspecto festivo e esta linha temática permanece desde as primeiras exposições que fiz. Olhar o mundo em seus disfarces é observar o palco da vida, que é tanto mais representativo quanto mais verdadeiro. Quando me dizem que eu pinto a vida noturna, prefiro rebater afirmando que o que retrato, é o lado noturno da vida. Esse lado noturno da vida pode aparecer até mesmo à luz do meio-dia.

Jornal Zero Hora, 12.05.79, a respeito desta mesma exposição, intitulada de "Comédia Secreta": "... Sua paixão pelo trágico, pode ser comparada toscamente à de Vicente Celestino, mas um certo pudor transfigura as situações forjadas por ele, para a farsa, esta cheia de elementos satíricos, quase demoníacos, levados ironicamente à última conseqüência. Haro consegue seu clima teatral através de personagens contidas, desenhadas à forma de charge num cenário art nouveau. Seus protagonistas aparecem no papel por linhas limpas e frias que os delineiam cruéis, diabólicos, dentro de atitudes fatais. O primeiro impulso ou tema surgem na cabeça do artista quando pensa em fábulas mitológicas, nas quais acrescenta o mistério com um toque de mestre, que permanece além da história que o motivou, pois na verdade Haro trabalha com o inconsciente e é lá que parte da mensagem nos atinge e fica ...".

— Gosto da colcha de retalhos. Gosto do aspecto impuro da coisa que é promíscua esteticamente como o sincretismo da nossa cultura que procuro apanhar em bloco. O problema mais sério da nossa cultura é o esquecimento que estão nos impondo. Este anseio em negar o passado gera problemas para o futuro. Acho nossa cultura bastante forte e me atrai também trazer o luxo da civilização européia.

Sua 2a. exposição de 79, em São Paulo, abriu na noite de 18 de outubro, uma quinta-feira. Esta mostra, cuja apresentação era feita pelo crítico Jacob Klintowitz (publicada em ISTO É 17.10.79), que terminava dizendo: "... E tudo, a escatologia, a perversidade, o arcaísmo, a ironia, a retórica, permeados de iluminações. Aí a quarta vertente, o coletivo, mitológico, premonições, revelações, memórias, percepções. Por estas nascentes de águas límpidas se poderá perceber um pouco do caudaloso rio. E se poderá, principalmente, iniciar a leitura destas imagens crepusculares, tão mescladas de dor e prazer, tão amigas da meditação e reflexão e, finalmente, tão capaz de se abrir para aqueles que desejarem um encontro mais sutil e delicado, um encontro de coisas suaves e cheia de mistérios, um encontro de iniciados". Claudio Willer, em seu artigo "Rodrigo de Haro, um artista contra a tirania do tempo" (Folha de São Paulo, 11.11.79): "... A obra deste artista plástico catarinense é um sutil e requintado desafio ao que está aí, e um questionamento do conceito de atualidade e modernidade em artes plásticas, pela sua reiteração de signos de outras épocas, e a recusa a qualquer referência ao tempo presente. Desafio bem sucedido, diga-se de passagem, pelo menos a julgar pelo resultado em vendas e afluência de público da exposição. Para muitos, foi sentida como um desafogo, um respiradouro na "overdose" de modernidade e contemporaneidade da Bienal e demais mostras da cidade ...".

Willer termina seu artigo, de umas 7 laudas, assim: "... O tema da máscara, tal como levantado por Rodrigo de Haro, permite ir longe, remetendo à questão da carnavalização do real, da escritura paródica, a questões essenciais no campo da criação literária. Mais importante, todavia, é assinalar suas implicações em tanto que discurso sobre o tempo e a contemporaneidade. Cabe lembrar, a este respeito, as considerações feitas por Octávio Paz (em "Los Hijos del Limo") quando o poeta mexicano fala da tradição do moderno: expressão paradoxal, já que o moderno seria um conceito oposto ao de tradicional; correta todavia, ao precaver-nos contra esta fetichização do "novo", tomado como valor em si, inclusive como muitas vanguardas o vêm fazendo, sem se darem conta que o novo é um valor da nossa cultura, historicamente contingente como tal. A "tradição do moderno" é também a tradição da ruptura, da negação do que está aí, do questionamento da ordem estabelecida. Como tal, o moderno é algo de muito antigo, por ser "uma expressão da nossa consciência histórica", uma retomada de grandes temas e grandes momentos de rebelião. A verdadeira vanguarda, a arte autenticamente contemporânea, sempre tem características de recuperação do passado, de negação daquilo que Octávio Paz chama de "tirania do futuro"; o objeto primeiro de questionamento é o próprio tempo, o tempo linear e progressivo que nossa civilização tenta impingir."





Krusenstern T. I. Tau. I.

Georg Heinrich, barão von Langsdorff, nasceu em Wollstein (Hesse) em 18.04.1774 e faleceu em Freiburg (Breisgau) em 29.06.1852. Em 1802, quando tinha 28 anos de idade, fez parte da expedição russa comandada pelo capitão Adam Johann von Krusenstern, que em sua viagem de circunavegação tocou em Santa Catarina no dia 20.12.1803, permanecendo nesta ilha e arredores até fevereiro do ano seguinte, por 70 dias. Médico graduado pela Universidade de Göttingen, introdutor da "vacina" em Lisboa, von Langsdorff ficaria entusiasmado pelo estudo da história natural, a ciência da Botânica, quando a "Nadeshda" adentrava em águas de Santa Catarina: "... no dia 18 de dezembro pudemos ver a Ilha de Santa Catarina e, a uma distância de 60 a 80 milhas marítimas, recebíamos as boas vindas de variadas borboletas que, aparentemente, chegaram ao navio, arrojadas para o mar por algum vento ...". Só do estudo das borboletas Langsdorff reuniu uma coleção de perto de 1.600 espécies. Seu relato desta estada de 70 dias, escrito em alemão gótico (Ed. de F. Wilms, 1812, 1a. edição da obra), considera sobre a situação geográfica desta região, a indole do povo (com um número de 10 mil na ilha e 25 a 30 mil em toda a província), visita um colecionador de insetos de nome Matheos Cardoso Caldeira, etc., etc. A respeito das festas de ano novo entre o povo, quando então começava o Carnaval, von Langsdorff inicia este relato aqui transcrito:

VEDUTA DELLA

CITTA DI NUESTRA SENIORA

DEL DESTERO

NELL'ISOLA DI S. CATARINA.

F. Rumor colori

Nós tivemos o prazer de festejar aqui o ano de 1804 e participar das iguarias que são preparadas para esta ocasião. Os escravos negros, presos energeticamente ao trabalho durante todo o ano, recebem nestas festas de ano novo, apenas por alguns dias, a sua liberdade. Divertem-se então a sua maneira, praticando durante esta época suas danças nativas, as quais se observa com grande interesse. Apesar de que a melhor descrição que se faça destas danças não represente mais que uma imagem incompleta, vou procurar descrever, com muito esforço, algumas destas cenas.

Geralmente os escravos negros se movimentam com muito ruído e barulho pelas ruas mas, neste ano choveu tanto, que eles foram obrigados a festejar seus bacanais em míseras choupanas ou nas bodegas públicas. Encontrei com facilidade o terreiro de danças no centro da vila, pois o som da música e os gritos dos dançantes ecoava à distância; digo música, mesmo que não se ouvisse um só dos nossos instrumentos europeus de som ou de corda. Era uma gritaria monótona, uma marcação barulhenta e selvagem do compasso, com as batidas dos chocinhos e palmas indicando à distância o lugar da reunião. À entrada deste salão das alegrias, só o bafo mal cheiroso exalado de muita gente em um espaço pequeno e ainda do suor dos negros dançando e pulando, seria

suficiente para assustar ou satisfazer a curiosidade de qualquer um; caso se ousasse aproximar, mesmo com sacrifício, então se tinha o prazer de ver dançarem na América os habitantes nativos da África. O rei ou o mestre do grupo dançante se destacava de todos os outros companheiros do baile pela estatura, as dimensões do corpo e os gestos. Como herói ele conduzia seu povo, que se reunia em círculo em torno dele. Ao invés do elmo azulado sua cabeça estava coberta de brilho, papel dourado e penas coloridas, e em vez do plastrão usava pequenas franjas de lantejoulas ao peito, sóis e estrelas recortadas em papel dourado e prateado adornavam todo o ambiente. Na mão esquerda este herói segurava um bastão de dois pés de comprimento que era atritado em um outro menor na mão direita. E, lugar de músicos, havia um círculo de negros sentados ao chão em um canto e batiam com as mãos sobre uma pele de boi esticada sobre um toco de árvore. — Este era o tambor. A maioria dos presentes ao baile estava vestida com uma tanga à cintura ou calças curtas, quase sem roupas, enfeitados com inúmeras penas coloridas, fitas de seda e um diadema de papel dourado. Alguns cobriam o rosto com máscaras, outros estavam horrivelmente lambuzados de vermelho, branco e outras cores. Negros e negras, como foi dito, circundavam seu chefe e, conforme as

habilidades, dançavam no centro do círculo, fazendo os movimentos mais estranhos e peculiares; outros cantavam, ou melhor, emitiam alguns gritos africanos que eram incompreensíveis. Eles gingavam de uma maneira incomparável os quadris, girando-os horizontalmente em forma de círculo, enquanto que a parte superior do corpo permanecia quase que imóvel, equilibrando-se nas pernas que se movimentavam velozmente; assim, também sacudiam os músculos do pescoço, dos ombros, das costas, de uma maneira tão indescritível que pareciam dominar cada um destes músculos. A maior destreza foi apresentada por uma negra seminua que movimentava concomitantemente os quadris com gestos artísticos e ligeiríssimos dos pés. A deformação dos músculos do rosto, assoprando as bochechas e outros gestos horríveis faziam parte da dança.

As nuances das diversas cores da pintura sobre o corpo negro, causadas pelo suor que lhes escorria, formavam um quadro para ser visto e não descrito com palavras. O objeto principal de tais danças consiste na representação de atos comuns da vida, por exemplo, da pesca, caça, guerra, etc., e, através da apresentação fiel estão tão próximos de suas intenções, que bem poderiam fornecer novos motivos para nossos bailarinos clássicos da Europa. Considerando-se

ainda o calor do clima e a quantidade de pessoas dentro daquele recinto, pode-se imaginar muito bem que aqueles corpos quase que se derretiam de suor, devido aos esforços sobrenaturais, e é de se admirar também a capacidade de resistência, pois estas danças se estendiam às vezes por uma hora inteira.

Na véspera da festa dos 3 reis, costuma-se fazer uma pequena serenata: do namorado à namorada, do amigo ao amigo, em suma, de um para outro. Nós não sabíamos de tal costume e, após a calada da meia-noite, fomos despertados pela suave e calma harmonia de cantos melódicos, acompanhados de flautas e guitarras. O efeito da encantadora apresentação, principalmente àquela hora da noite, é bem conhecido a qualquer um, desnecessário descrever a agradável impressão que os apaixonantes tons causaram aos nossos sonolentos ouvidos. Somente na manhã seguinte é que soubemos que a serenata é prova de querer bem e de amizade, que havíamos conquistado junto aos moradores durante nossa estada aqui.

(In "Ilha de Santa Catarina; Relatos de Viajantes Estrangeiros nos Séculos XVIII e XIX; Paulo Berger e Martim Afonso Palma de Haro. Ed. Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, janeiro 1979; Cap. VII, Langsdorff, pág. 180)

O lançamento do livro **A Ilha de Santa Catarina — Relatos de Viajantes Estrangeiros nos Séculos XVIII e XIX**, pela Assembléia Legislativa, foi feito no início do ano passado e marcou pela indiscutível qualidade do material de pesquisa que a obra contém em mais de 300 páginas. A grande procura em torno do livro por parte de várias entidades do País e também do exterior atestam a reverência do público diante do valor dessa edição e fez com que a tiragem de três mil exemplares não chegasse a alcançar circulação nas livrarias, esgotando-se com os pedidos recebidos pela Assessoria Cultural da AL, responsável pela edição.

O livro é resultante de cinco meses de pesquisas realizadas através de contatos mantidos com o historiador Paulo Berger, do Rio de Janeiro. Durante esse tempo foi reunido todo o material bibliográfico e iconográfico que compõe o volume, efetuadas as traduções (do alemão gótico e moderno, francês e inglês arcaico e moderno) e feita a planificação gráfica e composição em apenas 10 dias.

A importância da edição ainda repercute no meio literário catarinense, como demonstra o artigo de Lauro Junkes publicado em janeiro na coluna "Livros & Cultura", do jornal *A Gazeta*, de Florianópolis, e que transcrevemos:

"Em inícios de 1979 a Assessoria Cultural da Assembléia Legislativa publicou um livro de excepcional significação que, infelizmente, não recebeu a promoção e a circulação que mereceria. Trata-se de um denso volume de mais de 300 páginas, preciosamente ilustrado com fotografias, planchas, mapas e desenhos. . .

" . . . Trata-se aqui de um valioso repositório de dados, depoimentos, descrições e testemunhos sobre a situação da Ilha de Santa Catarina nos inícios de sua história e povoação. Temos nesse volume algo semelhante àquilo que chamamos de "literatura do deslumbramento" em relação ao Brasil quinhentista. São relatos de navegadores e de cientistas integrantes de expedições que, em grande parte dos casos, foram enviadas especificamente com o objetivo de realizar pesquisas científicas, relacionadas sobretudo com aspectos topogeográficos, de estudos da fauna e flora. . .

Na época da publicação da obra foi bastante grande o número de manifestações elogiosas sobre esse trabalho da Assembléia Legislativa. Dentre elas destacamos um artigo de Adalice Araújo publicado na *Gazeta do Povo*, do Paraná, e uma carta do professor Newton Carneiro, da Universidade Federal do Paraná.

Adalice Araújo, *Gazeta do Povo* (Curitiba, 22/03/79),

na coluna Artes Visuais":

"Raridade Iconográfica editada em Santa Catarina. Um importante lançamento na área editorial acaba de ser feito pela Assessoria Cultural da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina. Trata-se da obra: **ILHA DE SANTA CATARINA/Relatos de Viajantes Estrangeiros nos Séculos XVIII e XIX . . .**"

O professor Newton Carneiro, em carta enviada à Assembléia Legislativa, agradece a remessa do livro e manifesta suas impressões sobre a obra:

" . . . O planejamento do livro foi louvável, de vez que atendeu a vários ângulos: o bibliográfico (com as reproduções das páginas de rosto das obras), o iconográfico (com a inserção das ilustrações) e o didático (apresentando os textos traduzidos). Não conheço exemplo mais útil em toda a bibliografia de viajantes, de interesse crescente e cada vez mais procurada. Parabéns à Assembléia Legislativa e aos promotores da iniciativa . . ."

A pesquisa para elaboração da segunda parte de **A Ilha de Santa Catarina** já foi realizada.

Resta-nos esperar, agora, que sua publicação venha a ter luz em breve, merecendo o devido tratamento de composição e gráfica e uma melhor circulação entre os leitores.

Assembléia
Legislativa
SC

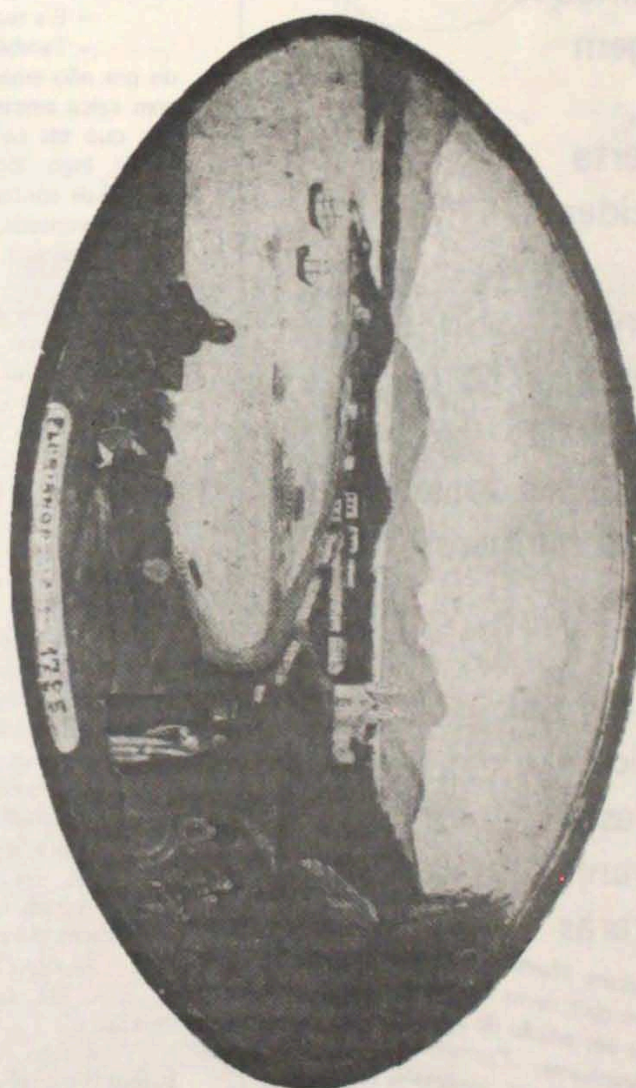
ILHA DE SANTA CATARINA SÉC. XVIII E XIX.

ILHA DE SANTA CATARINA

RELATOS DE VIAJANTES ESTRANGEIROS

NOS SÉCULOS XVIII E XIX.

ASSESSORIA CULTURAL
1979



ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SANTA CATARINA

CONCURSO PERMANENTE BOI-DE-MAMÃO REGULAMENTO

Os trabalhos premiados serão aqueles selecionados para publicação no "Boi-de-Mamão" e o autor receberá como prêmio Cr\$ 1.000,00 (hum mil cruzeiros).

Condições:

Contos e Poemas — datilografados em espaço dois, em três vias. Tema livre.
Fotografia e Cartum — uma via, 18 x 24, em preto e branco. Tema livre.
Reportagem — Mínimo de 4 (quatro) laudas de 20 (vinte) linhas, datilografadas em espaço dois. Tema catarinense.
Os concorrentes deverão indicar nome completo, endereço e CPF, para efeito de remessa dos prêmios por cheque.

Os trabalhos deverão ser remetidos à:
Fundação Catarinense de Cultura
— Concurso "Boi-de-Mamão"
Rua Victor Konder, 71
88.000 — Florianópolis, SC

OS ÉBRIOS

(Dedicado a Velázquez)

Saltam pétalas de luz
com crianças ternas insepultas
dos olhos selvagem fogo
dos novos filhos do prazer
como peixes mergulhados
no dentro da paisagem
banhada de vinho
paisagem enfim liberta
das vertigens da lucidez.

Por Baco santa agonia
delirando tanta febre
de olhos sementes vulcões
renovando as terras todas dos desejos
e as ilhas virgens com mulheres
fecundadas no poente.

Saltam mais tantas corolas
de luz claro incêndio
(face inebriada da festa
consumindo as entranhas da razão)
dos olhos conchas raras
dos novos filhos
e pássaros bicanos
da paisagem afog

Florianiano Martins — Fortaleza, CE.
Tem dois livros de poemas publicados em edição do autor, e o volume "Nenhuma Correnteza Inaugura Minha Sede" (poemas), deverá ser lançado em 1980, pela Imprensa Universitária da UFSCAR, São Paulo.

RECÉM-CASADOS

Conto de Carlos Adauto Vieira

Ao entregar a chave, na portaria, explicou, embora sem necessidade:

— Vamos à praia, pode fechar a nossa conta.

— Pois não, senhor. Fecha o 415, determinou a alguém, atrás de si numa escrivania.

A camareira, avisada pela portaria, anotou o número do apartamento para conferir as despesas com a geladeira e prepará-lo para novos hóspedes.

Com a chave-mestra o abriu e foi examinar o banheiro, ver se todas as toalhas estavam em ordem.

Ouvindo a porta abrir-se e o caszinho entrou aos beijos e abraços.

Discretamente, encostou a porta do banheiro e ficou ouvindo os dois.

— Foi boa idéia a tua de voltarmos logo. Tava um sol de rachar. Assim a gente bota as coisas todas em ordem com tempo. E vai ser a última vez, mesmo, aqui, né? Depois, lar doce lar.

— E como é que fazemos, na cama ou no chão? — perguntou a noivinha, os olhos brilhando.

— No chão. O carpet é tão limpinho e, quando a gente acabar, toma um bom banho. Dá tempo. E, agora, enquanto tiras a roupa, preparo um uísquinho pra nós.

— Achas que devo tirar a roupa toda? — Claro, meu bem, facilita. Põe tudo num montinho, aí no lado.

— E a tua?

— Também se tira, só que com cuidado pra não amassar as calças. Não vou viajar com calça amassada. Ainda se fosse a Lee... Por que tás de joelhos? Assim, vais cansar muito, logo, logo. Senta por enquanto. Melhor, mais confortável. Também, a gente deve se pôr à vontade, mas confortavelmente.

Beijou-a, enquanto a ajeitava no carpet.

— Tens gostado? — perguntou, oferecendo o uísque.

— Muito.

— Muito, mesmo?

— Puxa, foi sensacional até agora. Nunca pensei que tudo pudesse ser tão bom. Tu me deixaste tão à vontade, que me pareceu tudo natural. E tu?

— Maravilhoso, genial. Tás pronta?

— Tou, mas por onde a gente começa, querido?

— Meu bem, quantas vezes vou precisar dizer que, primeiro debes tirar toda a roupa. Do contrário, se não se ajeitar, não vai caber tudo. Sobra sempre alguma coisa e, aí, onde a gente vai enfiar? — riu maliciosamente.

Ela era tão ingênua para certas coisas...

Beijou-lhe a nuca raspadinha à navalha.

Um arrepio a sacudiu da cabeça aos pés.

— Pára com isto, querido, pediu languidamente. Se não, já sabes.

Segurou as peças de roupa dela e disse:

— Me dá vontade de botar tudo de uma vez...

— Não, querido, tenho de aprender. Vamos fazer como tu dissesse. Devagarinho, temos tempo. O avião, só daqui a duas horas. Pera aí, deixa eu tirar as tuas calças direito pra não amassar. Depois, o resto. Com que roupa vais viajar?

— Com esta mesmo.

Beijaram-se, passando o uísque um para a boca do outro.

— Gostoso?

— Um chuí.

— Pena que acaba tão depressa.

— Não faz mal. A gente pode repetir

tudo de novo, só que viajando por outras cidades. Agora que já tiraste toda a minha roupa, tira a tua e chega mais pra cá, se não não posso ajudar.

— Será que vai tudo? Olha que é coisa, hein?

— Achas? Com calma e jeito não fica nada de fora.

— Mas em São Paulo custamos, não?

— Falta de prática. Depois de uma semana a gente aprende. A tua calcinha e aquele sutiã põe no cantinho. Aí, é.

— E os sapatos?

— Deixa pro fim. Sapato atrapalha. Sandália não.

— Vamos. Começa.

Minutos mais tarde, deitando-se no carpet, pede:

— Vamos dar uma descansadinha pra beber mais um uísquinho e fumar um cigarrito. Se não, eu morro. Puxa, és tão jeitosa, nunca pensei. Onde é que aprendeste?

— Contigo, claro, nesta semana. Antes, não sabia de quase nada, mas tu és tão experiente, tão maneiroso... a gente aprende num já. Confesso que jamais teria tirado a roupa toda antes. A verdade é que facilita, dá mais folga, mais espaço, não embarça. Com roupa, bota dum jeito, tira, bota de outro... Termina logo o cigarro pra gente tocar adiante. Estou ansiosa pra acabar, tomar aquele banho e vestir a roupa de viagem. Quem foi que te ensinou a fazer desta maneira?

— Minha mãe. No tempo de estudante, sabe como é, né? A gente tem de se virar. Não era sempre que se tinha uma empregada pra fazer. Negócio era fazer sozinho. Ou arranjar um colega que topasse, companheiro de quarto, ou de sala. Era bem mais legal. Fui aprendendo e aplicando o que a minha mãe me ensinou. Em geral, isto as mulheres aprendem logo. E, quando botam a mão pra valer, já viu... É o teu caso. Puxa, tás aprendendo depressa. Tás ficando veterana.

— Não achas melhor eu mudar de posição, agora?

— Não, não, se não der certo, sim, tu vais por cima. Mas acho que não vai ser preciso. Tu fazes força de lá e eu de cá.

— Mas, neste caso, tem de ficar de pé. Melhor deitada. Vamos lá, vem aqui e senta em cima.

— Oba, tã indo, tã indo. Tira a mão daí, podes te machucar. Bom se tivéssemos uma cinta. A gente passava e depois ia apertando devagarinho.

— Assim tá bom. Tu é que tás suando.

— Não é pra menos. Devíamos ter ligado o ar condicionado. Nesta posição e fazendo esta força...

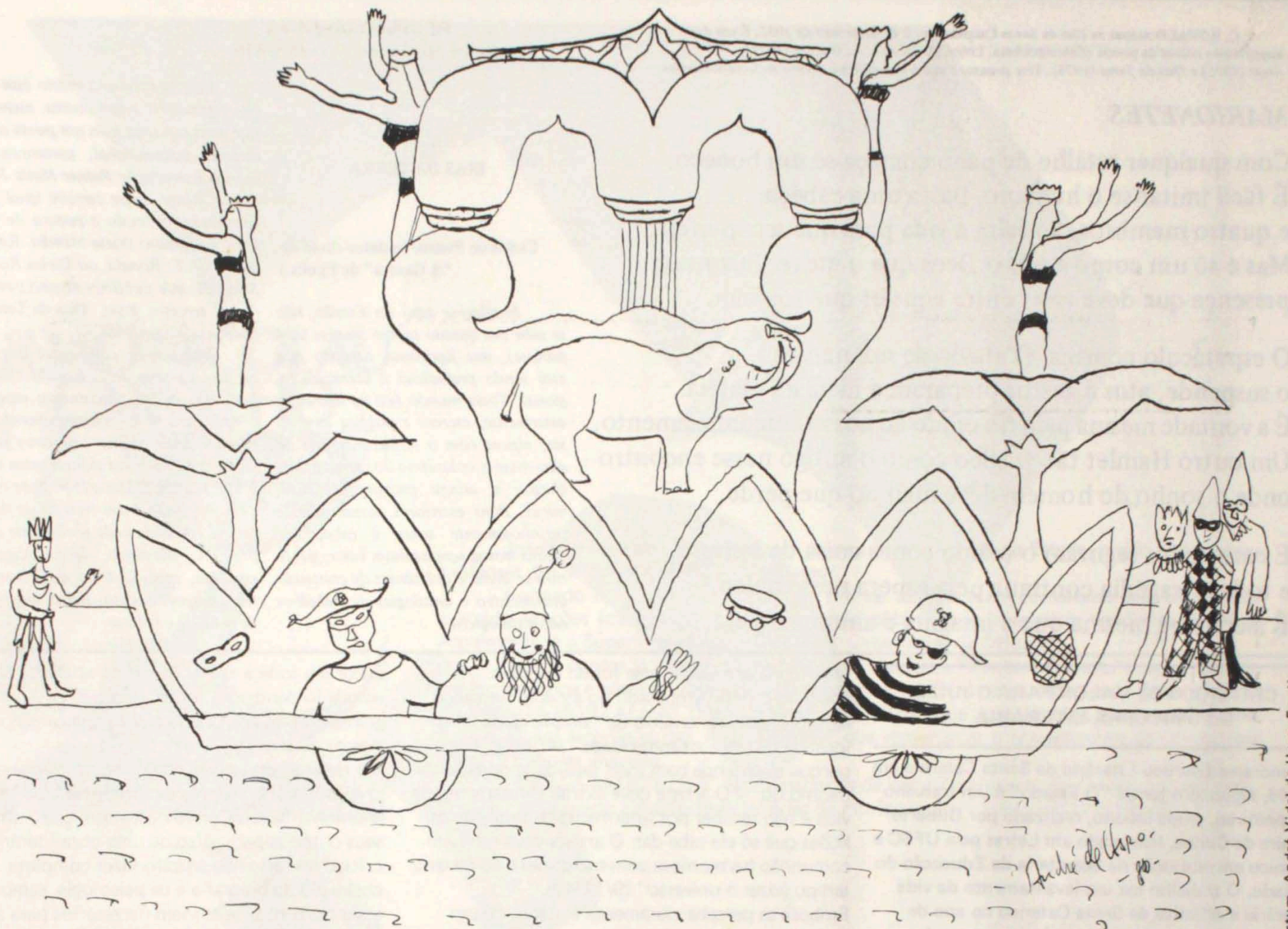
— Por que não te ajoelhas, ao invés de ficar de cócoras, como estás? Cansa menos, penso eu.

— É impressão. E, agora, não adianta mais. Tamos acabando. Só mais um pouquinho. Assim. Ahnnnn. Agora, força, ahnnnn... Deu! Ai que bom.

Ela justificou:

— Sabe o que é? A gente vai viajando e comprando uma coisa aqui, outra ali, no fim é esta dificuldade pra fechar a mala.

CARLOS ADAUTO VIEIRA — Contista e cronista, residente em Joinville, SC. Autor de "Aos Domingos", crônicas; e "Europa sem Programa", apontamentos de viagem. É co-editor da revista literária "Cordão", de Joinville.



Cartum, André Vidal de Haro. Fpolis.



Fotografia, Maria Buarque. Fpolis.

C. RONALD nasceu na Ilha de Santa Catarina, em 2 de dezembro de 1935. É um dos importantes nomes da poesia contemporânea. Livros publicados: *As Origens* (1971), *Ânuo* (1975) e *Dias da Terra* (1978). Tem pronto, e ainda sem editora, o livro *As Coisas Simples*.

MARIONETES

Com qualquer retalho de pano começa-se um boneco.
É fácil imitar-se o humano. Basta uma cabeça
e quatro membros. Só falta a vida para que seja perfeito.
Mas é só um corpo e nós o Deus que o mexe. Luz nessa
presença que deve viver entre aqueles que sonham.

O espetáculo começa. O atavio de mil nervos
o suspende, atos e gestos preparam a idéia da platéia.
É a vontade mesma pelo fio unido ao nosso desconhecimento.
Um outro Hamlet tão trágico como o antigo nesse encontro
onde o sonho do homem deve mais ao que perde.

E essas mãos seguram o crânio como coisa de sempre
e toda a tragédia continua pela espera nesse palco.
É a criatura mesma que a imagina e ainda a repete.

DIAS DA TERRA

Carlos de Freitas (redator-chefe de
"A Gazeta" de Fpolis.)

Instalou-se aqui no Estado, não se sabe por quanto tempo (mas se sabe porque), um ligeirismo literário que está sendo prejudicial à literatura regional. Todo mundo fala da literatura catarinense, escreve e publica às pressas, alguns com o visível interesse de alimentar o colonismo dos jornais, que chegou a atingir proporções epidêmicas. Bons escritores passam a mão carinhosamente sobre a cabeça de alguns novos sem nenhum valor; publicam-se livros e coletâneas de conteúdo inexpressivo e antologias de trabalhos não antológicos.

Esse ligeirismo literário está sendo responsável, entre outras, menores, por uma injustiça com um poeta de dimensão internacional, pertencente à família literária de Rainer Maria Rilke e que atinge quase sempre igual profundidade, concisão e pureza de imagens do famoso poeta alemão. Refiro-me ao Sr. C. Ronald, ou Carlos Ronald Schmidt, que publicou no ano passado o seu terceiro livro, *Dias da Terra* (Editora Quiron/MEC).

Insinuou-se com certa insistência que a poesia de C. Ronald é filosófica. Não é. Seu pensamento especula a existência e o comportamento do homem desde os seus primeiros gestos na terra e desce aos subterrâneos escuros de sua alma. Mas o livro (este como os outros) não é um tratado de filosofia, não delinea nada semelhante a um princípio filosófico; define, sugere e empolga, quando trata do homem e seu comportamento, numa linguagem de verdade e beleza.

CRITÉRIOS DE VALOR PARA O JUÍZO DE UMA OBRA LITERÁRIA

"Panorama Estético-Literário de Santa Catarina em 1949, segundo o jornal "O Estado" é um trabalho de pesquisa, ainda inédito, realizado por Dilberto Vieira da Cunha, licenciado em Letras pela UFSC e técnico em educação da Secretaria da Educação do Estado. O trabalho faz um levantamento da vida literária e artística de Santa Catarina no ano de 1949, realizando uma síntese das correntes do pensamento estético, numa época em que o "Círculo de Arte Moderna de Florianópolis" começava a injetar a sua efervescência inovadora. Sobre o trabalho, assim se manifesta Dilberto: "De posse da matéria farta e variada publicada nas páginas do jornal "O Estado", minha tarefa consistiu em procurar um método de interpretação científica que me revelasse o quadro artístico-literário de Santa Catarina, em 1949. Encontrado o método adequado, realizei a interpretação do material colhido para depois organizá-lo esquematicamente e, por fim, transformá-lo num ensaio, que traz à luz a situação literária e artística daquele ano".

Uma pequena parte desse ensaio é publicada a seguir pelo "Boi-de-Mamão".

Salim Miguel e os novos aceitavam tudo que tivesse valor e importância. Para eles, toda manifestação de arte, todo pensamento humano, do mais remoto passado ou do que fosse mais novo, tinha valor e importância. Tudo, para eles, trazia sua contribuição à humanidade, desde que tivesse um único ponto: **sinceridade**.

Esse critério de sinceridade era normativo e servia para levar os "novos" a aproveitar a lição dos outros, daqueles que os antecederam, e de tal fato tirar conclusões e soluções novas e deles. Dizia Salim: "Aproveitar a lição, não a copiar nem imitar. Por que repetir sempre da mesma forma e da mesma maneira, as mesmas coisas, vistas de idênticos ângulos?" (9/11/49).

Já para Altino Flores, representante da geração "passadista" e que polemizava com os "novos", o critério de valor estava no "**fundo humano**" apresentado pela obra. Crítica que só vê valor na

obra se ela apresentar esse fundo humano.

Além do critério embasado no aspecto **humano**, Altino insistia no critério de "simplicidade": "o ideal da beleza é a **simplicidade**" (4/9/49). Eis porque se entende com mais facilidade quando ele mesmo diz: "O artista deve extrair diretamente da vida e não receber por intermédio de ninguém as lições que só ela sabe dar. O artista deve estar em comunhão harmoniosa com mil coisas e ao mesmo tempo gozar o universo" (9/11/49).

Embora se perceba claramente tratar-se de um conceito puramente fundamentado no ideal do romantismo, infere-se que o valor humano das obras era um critério em voga em 1949, no auge das tentativas de renovação artística.

Outra vez caía Altino Flores na ideologia do Romantismo ao considerar que "o verdadeiro artista deve filtrar genialmente o mundo através de seu temperamento, para que a poesia sobrepuja à realidade da vida" (**Motivos de Goethe**, 9/11/49). Archibaldo Cabral Neves, do grupo dos "novos", punha como critério de valor da obra literária a "**expressão dos sentimentos**": "Acredito na literatura, não apenas como uma finalidade artística, mas também com uma finalidade que se sente no conjunto de uma obra e da qual jamais esquecemos, porque não são palavras, só sentimentos" (11/9/49).

Pode-se, então, enumerar os critérios de valor para julgamento de uma obra literária vigentes no ano de 1949: sinceridade, fundo humano, simplicidade e expressão de sentimentos.

Como não é da compleição deste trabalho, omito-nos de qualquer juízo sobre a validade ou não desses critérios, para tão só enumerá-los.

Críticos para o estudo crítico do autor

Nereu Corrêa é da opinião que o autor deva ser estudado dentro do ambiente histórico em que viveu: "Se estudarmos Rui Barbosa dentro do seu ambiente histórico, atuado pela mentalidade e o gosto da época, não podemos apoucar-lhes as grandes qualidades de orador. Se procedermos inversamente, isto é, estudando-o à luz da mentalidade de hoje, teremos de reduzir pelo menos um terço do que representou no seu tempo". (O Estado, 18/12/49).

Esse critério exige que, para compreendermos um

autor em toda a extensão da sua estatura, temos de estudá-lo dentro do cenário em que viveu, e não transportá-lo, como a uma planta exótica, para os nossos dias.

Ao realizar um estudo crítico sobre o ensaio de crítica literária "**Letras da Província**", de Moisés Velinho, Nereu Corrêa deixa bem claro um de seus critérios para juízo de uma obra literária: "Ao crítico literário não é lícito fazer completa abstração da biografia e da psicologia, sempre que esses elementos se tornam necessários para a elucidação dos traços fundamentais da obra de arte. Agir em contrário é o mesmo que pretender isolar o artista no tempo e no espaço, como um ser que cria do nada" (20/11/49).

Para que a crítica se realize amplamente, Nereu joga com todos os elementos de que é possível munir-se um crítico dos nossos dias: a história, a biografia, a sociologia, a psicologia e os valores estéticos em geral.

Como se vê, no ano de 1949, a crítica não se limitava a um critério formalista, que se compraz apenas com os aspectos exteriores da obra literária. De certo modo em muito se aproxima do pensamento crítico atual, ao propor a crítico globalizante que exige como critério norteador a interdisciplinariedade, conforme a teoria de Eduardo Portella.

O critério da "**independência do crítico**" perante a obra a ser criticada, é aceito por Salim Miguel. Considera que esse critério é "uma das condições para que a crítica cumpra a sua missão orientadora e construtiva, manter essa independência em grau que permita ao crítico analisar as obras sem que o espírito de confraria prejudique a franqueza dos seus depoimentos". (20/11/49).

Segundo Altino Flores, "o crítico deve levar em consideração o influxo dos fatores históricos na evolução das literaturas nacionais" (23/11/49). Não cabe aqui, repetimos, investigar a originalidade ou a validade desses critérios. Não obstante, verifica-se que, em 1949, nossos críticos não compartilhavam dos critérios formalistas, tão em moda hoje.

Dilberto Vieira da Cunha

JOÃO NICOLAU CARVALHO



EDITORA
LUNARDELLI

João Nicolau Carvalho, nasceu em Jaguaruna, SC, no Sul do Estado, região onde passou a infância, foi balconista, bancário e professor.

Formado em Direito pela PUC do Rio de Janeiro e em Jornalismo pela UFRJ, tem exercido funções importantes na administração pública e no magistério em Santa Catarina. Atualmente, é o Superintendente da Fundação Catarinense de Cultura.

Tendo contos já publicados nas revistas "Ficção" e "Contos e Novelas", como também em suplementos e páginas literárias da imprensa catarinense, é no entanto com a recente edição de "RASGA-MORTALHA" (Editora Lunardelli, 1979), que João Nicolau faz a sua estréia em livro. São dez histórias curtas, reais, telúricas, que vêm marcar o aparecimento de um escritor seguro e de forte vivência.

"RASGA-MORTALHA" traz ilustrações de Willy Zumblick e desenho de capa de Hassis. Pode ser encontrado nas principais livrarias de Florianópolis, ao preço de Cr\$ 100,00.

O CAMPEÃO

Chamava-se Gentil e gostava de dormir até a hora em que a dona da pensão lembrava-lhe do almoço. Era bastante franzino e viera de Araranguá. Não gosto de encarar a primeira luz da manhã, dizia, explicando porque dormia até bem tarde.

Jogou mais de dois anos no Ferroviário. E foi ele o autor do gol, aquele maravilhoso gol do meio do campo, que garantiu o tricampeonato da cidade ao time do bairro de Oficinas. Naquele domingo os torcedores do Ferroviário invadiram o centro de Tubarão e obrigaram um bode, travestido de leão, a beber um garrafão de cachaça.

— Domamos o leão, domamos o leão!
Assaram o bode à beira-rio.

Meses depois — o Ferroviário endividado — o Hercílio Luz Futebol Clube, o Leão do Sul, comprou o passe do Gentil. Houve muito choro e ameaças ao jogador e à diretoria do Ferrinho. Gentil mudou-se para o melhor hotel da cidade, abriram-lhe conta a crédito nas lojas do presidente do Hercílio Luz.

Naquele ano o Leão do Sul venceu o campeonato da cidade — dois bonitos gols de Gentil.

— O Ferroviário está enferrujado! O Ferro está enferrujado!

O campeão deu em beber. Pouco antes do novo campeonato foi vendido — ao Siderurgia de Capivari. Com a falência do Siderurgia, no ano seguinte, foi viver, desempregado, na Mistura, com uma prostituta, muito alta e muito famosa, muito forte, que lhe quebrava a cara cada vez que o encontrava bêbado.

Ubyrajara gostava muito do jogador; gostava das jogadas que Gentil tramava, das intimidades que mantinha com a bola e dizia para o pai que ia estudar em casa de amigos, e cortando os trilhos da estrada-de-ferro e invadindo os terrenos da imensa madeireira, ia para a Mistura jogar bola, na rua principal, sob os aplausos das mulheres acotoveladas nas janelas, pintadas e seminuas, com Gentil, o melhor jogador de futebol do mundo.

Pagavam-lhe, ao Gentil, alguma coisa que o bolso permitia, para treinar com o time de Ubyrajara. Ao anoitecer, quando começavam a aparecer os primeiros homens e os bares se abriam de todo, Ubyrajara pegava a bola e retornava, com os amigos, muito feliz por ter trocado passes com o campeão.

— Venham novamente, mas não muito cedo, pois não aprecio a luz da manhã.

Era um mulato danado com a bola. Pensou-se até em deixá-lo frequentar os clubes de brancos e ficar sentado, tomando sua cerveji-

nha, mas sem dançar — para não comprometer as moças de família. Isso no tempo em que era famoso.

Quando foi morto por um foguista de trem, numa briga pela posse das belezas da prostituta muito alta e muito forte, poucos foram ao enterro.

Ubyrajara e sua turma levaram a bandeira rubro-negra do Ferroviário, roubada à lavadeira do time, e a prostituta alta e bastante forte abraçou-o comovida, no regaço enorme, o nariz do rapaz afundando nos seios fartos, cheirando a cheiroso perfume barato.

Não houve discursos. Mas havia muitas mulheres assoando o nariz e fungando tristezas. A mulher muito alta e muito forte pediu para embrulhar o corpo na bandeira do Ferroviário.

Ubyrajara explicou que ele tinha que devolver a bandeira, para a partida contra o Hercílio Luz.

Devolveu-a à noite, sem a lavadeira perceber.

E no outro dia, lá estava ela, a bandeira vermelha-e-preta, orgulho de Oficinas, balouçando no mastro, manchada com sangue de Gentil.

O Ferroviário perdeu de dois a um.

MARATONA CULTURAL PREMIA TRABALHO SOBRE "HOMENS E ALGAS"

A Maratona Cultural "A Escola Participa", lançada pela Fundação Catarinense de Cultura, no segundo semestre do ano passado, e dirigida aos Colégios de 2o. Grau, de Santa Catarina, de certo modo ultrapassou as expectativas de seus promotores, tendo-se em vista que o lançamento foi realizado em caráter experimental, com modestos recursos publicitários e uma pequena rede de livrarias distribuidoras do livro que motivou o concurso. Entretanto, 43 escolas secundárias do Estado remeteram trabalhos de seus alunos: — composições interpretativas do livro **Homens e Algas**, de Othon D'Eça, um conjunto de contos e crônicas que retrata a paisagem e a vida dos pescadores da costa catarinense, notadamente da Ilha de Santa Catarina.

Os trabalhos de redação sobre o livro **Homens e Algas**, foram solicitados pelos professores de língua portuguesa e literatura brasileira aos seus alunos e, posteriormente, remetidos à Fundação Catarinense de Cultura, que convocou uma comissão de professores e escritores para a seleção dos três primeiros lugares. Integraram a comissão julgadora: **Lauro Junkes**, crítico literário, professor de literatura da UFSC; **Júlio de Queiroz**, escritor; e **Dilberto Vieira da Cunha**, técnico em educação da SE.

PREMIADOS:

Foram premiados os seguintes alunos de 2o. grau:

1o. lugar: INÁCIO JOÃO DE SOUZA, do Colégio Vale do Itajaí, Blumenau, SC. Professor: Fidélis Zermiani. Valor do prêmio: Cr\$ 5.000,00.

2o. lugar: CARMEN LÚCIA HONORATO GERMANN, do Colégio 19 de Julho, de Praia Grande. Professora: Cléria Raupp Ferreira. Valor do prêmio: Cr\$ 3.000,00.

3o. lugar: SANDRA MARIA SOLIGO, do Colégio Estadual Santos Anjos, de Rio das Antas. Professora: Helga Rotter. Valor do prêmio: Cr\$ 2.000,00.

Para 1980, a Fundação Catarinense de Cultura desenvolverá a Maratona Cultural nos três níveis de ensino (1o., 2o. e 3o. graus), com a ampliação do valor dos prêmios.

"Boi-de-Mamão" publica, a seguir, o trabalho do aluno Inácio João de Souza, classificado em primeiro lugar.

Othon d'Eça



"A obra de Othon D'Eça é composta de pequenos contos ou pequenas histórias, focalizando os acontecimentos diários que envolvem o pescador, sua luta, sua busca pela sobrevivência.

Sentimos de início um profundo lirismo, que nasce de uma simpatia para com essas vidas humanas, tão marcadas, tão esquecidas em seu mundo. Este elo de ligação, nós observamos no autor que procura definir, às vezes, através de uma linguagem figurada; outras, por um monólogo bastante profundo, levando a obra a um nível soberbo, de proporções grandiosas.

"Bem que os conheço a todos eles! Nasci à beira do mar e guardo dentro do coração, como um búzio, as coisas que marcaram minha infância". Esses pontos básicos, palpáveis e até mesmo marcantes em todos os contos, coloca o autor dentro da obra como participante, como personagem vivo, atuante, observador dos fatos e, com isso, cresce sua visão num ângulo paralelo. Momentos mais tarde ele utiliza seus conhecimentos para compor de

memória outros fatos, não lhes faltando sequer detalhes minuciosos, qualidades, pensamentos íntimos que levam os personagens a sobreviverem, no tempo e no espaço.

Mesmo que tenhamos lido um conto apenas, sentimos brotar, aos poucos, uma dimensão desses problemas. Encontramos ali os traços dos rostos, marcados pela miséria, doenças e pelos constantes deslocamentos de famílias, de outros lugares às vezes incertos.

O mar é o palco da vida. Ali os homens nascem, crescem e morrem. Seu drama é insolúvel, suas causas são envolvidas por todos os nós da vida. Os roubos de canoas, redes e outras ferramentas necessárias ao ofício do pescador, bem como a casa ou barraco onde mora, são levados num piscar de olhos do dia.

Os homens nascem com um destino marcado por Deus, sua missão é de cumprir, seguir o caminho que lhes está reservado. E o horizonte conduz o dia-a-dia do pescador, dando uma previsão do tempo e suas possibilidades de êxito no trabalho.

O seu corpo recebe desde cedo, através dos ventos, da chuva, do sol, do mar, a tatuagem que o caracteriza como gaivota de olhos de águia, que vê ao longe a caça volumosa.

Seus fracassos, doenças, as tempestades que dominam constantemente os mares, são atribuídos à falta de sorte. Castigo de Deus. Alguns são fortes como touros, outros carregam a morte na boca. Encontramos também ali os remédios caseiros, preparados com muito carinho, nas formas mais estranhas, por figuras também misteriosas, que habitam os lugares menos movimentados das praias. As técnicas no preparo das refeições são as mais ricas, bem como o asseio do lar, são coisas indispensáveis. E o pescador sabe apreciar as coisas feitas com esmero pelas mãos de sua esposa. O pescador é fatalista por natureza, aceita tudo com a maior naturalidade do mundo; porém, muito perspicaz. Sua arte é valiosa e sente-se vaidoso em exercê-la. Sua maior riqueza são os filhos, dom que vem de Deus. Contudo, quando chegam em mais de um, a situação agrava-se.

Os recursos estilísticos do autor são invejáveis. O emprego muito bom do regionalismo caracteriza a obra, dentro do espaço e do tempo. Usa,

com propriedade, a linguagem coloquial, demonstrando conhecimento profundo. Ela brota nos gestos, no comportamento de cada um, nos costumes de um povo. Seu vocabulário é erudito e esmerado, dando-nos um toque suave e realista.

Sintaticamente, suas construções são indiretas, contudo a linguagem figurada cria opções dentro de um ambiente vasto e complexo. O ambiente exterior passa-nos quase como uma atmosfera de fundo de quadro, sem destaque especial e sem valores fixados dentro da obra. Já o ambiente interno, composto pela paisagem e seus elementos de primeiro plano, aparecem definidos devidamente, chegando às vezes a sobrepor os personagens, sem comprometer contudo, em nenhum momento, a obra, haja visto que sua finalidade é ligar ou conservar o que não pode ser separado: o homem e a natureza.

A topografia é traçada com linhas gerais, insular e continental, da Ilha de Santa Catarina. Os valores alegóricos, os costumes e os hábitos aparecem, configurados no boi-de-mamão, por exemplo, praticados até hoje com muita frequência.

O conteúdo é uma antologia da gente e das coisas do mar. Dentro desse ambiente cheio de surpresas, coloca-se o autor, pintor com palavras, perito em colorir minúcias. Evidencia uma técnica modernista, livre, de esmerado acabamento. É uma verdadeira obra, que contém o que há de melhor, retratando a índole e o comportamento (vivo) do homem do litoral, suas formas de vida e seu pequeno mundo real".



Othon d'Eça

EXPOSIÇÃO NO MASC

Estende-se até o dia 24 de março a Exposição do Museu de Arte de Santa Catarina (antiga Alfândega), cuja abertura deu-se no dia 6 passado. Pinturas de Martinho de Haro, Sílvia Pléticos, Rodrigo de Haro, Eli Heil; tapeçarias de Pedro Paulo Vechietti e Almir Tirelli — são os principais participantes catarinenses. Nomes de fora do

Estado estão, entre outros, os de Di Cavalcanti, Carlos Scliar, José Pancetti, A. Parreiras, Aldo Bonadei, Glauco Pinto de Moraes, Glauco Rodrigues e Tarsila do Amaral. Este acervo foi integrado ao MASC, através de comodato realizado com as empresas do grupo CODESC, BESC S.A. e BESCREDI.

CONCURSO LITERÁRIO 1980

ESTADO DE SANTA CATARINA
Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo
Fundação Catarinense de Cultura

Poesia
Prêmio
Luiz Delfino
Cr\$ 25.000,00

Conto
Prêmio
Virgílio Várzea
Cr\$ 25.000,00

CONCURSO DE CONTOS E POESIAS

Deonísio da Silva e Eulália Maria Radtke foram, respectivamente, os premiados em primeiro lugar nos concursos "Virgílio Várzea" (contos) e "Luiz Delfino" (poesia) promovidos pela Fundação Catarinense de Cultura, em 1979. Classificaram-se ainda: Maria Odete Onório Olsen (2o. lugar); Daniel Guizoni de Andrade (3o. lugar); Luiz Antonio Martins Mendes e Artêmio Zanon (menção honrosa), no

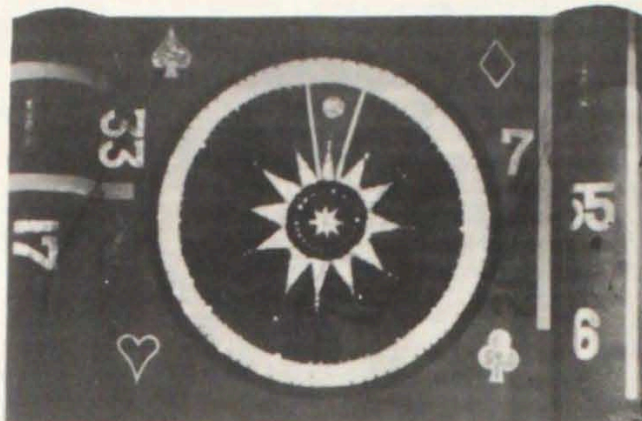
prêmio "Virgílio Várzea"; e Ary João Longhi (2o. lugar); Roberto Costa (3o. lugar); Celso Luiz Teixeira e Rosemary Muniz Moreira Fabrin (menção honrosa), no prêmio "Luiz Delfino".

Para 1980, os dois prêmios serão entregues aos melhores originais para livros, respectivamente de contos e poesias. O regulamento já pode ser solicitado à Fundação Catarinense de Cultura.

HASSIS EM PORTUGAL

O artista catarinense Hassis acaba de despachar para a cidade do Porto, Portugal, dez metros quadrados de pintura quente e tropicalista. Trata-se do seu mais recente mural, cujo tema é a valorização do trabalho humano nas diversas regiões brasileiras. O painel vai

decorar a agência do Banco do Brasil, a ser inaugurada em 15 de março, na cidade do Porto. Na foto abaixo o aspecto de uma parede carnavalesca de sua autoria para o carnaval passado, nos salões do Clube Doze de Agosto.



CLUBE DE CINEMA

Terão reinício as atividades do CC NS do Desterro, da Fundação Catarinense de Cultura, no próximo dia 14 de março, sexta-feira, no horário das 20,30 h. Será apresentado o clássico do cinema russo A TERRA/ZEMLIA, obra mestra do poeta soviético ALEKSANDR DOVZHENKO, 1929-30. As sessões terão por local o Auditório da Casa da Cultura, à rua Tenente Silveira, Centro de Florianópolis. O programa repete nos dias 15 e 16, sábado e domingo.



MUSEU DA COLONIZAÇÃO

Como parte da programação comemorativa à passagem do centenário de Criciúma, foi inaugurado no dia 9 de janeiro o Museu da Colonização Augusto Casagrande, que mantém em exposição um amplo material histórico das primeiras colonizações daquela cidade. O museu está aberto diariamente à visitação pública, estando a coordenação da casa entregue à senhora Octávia Búrgio Gaidzinski.

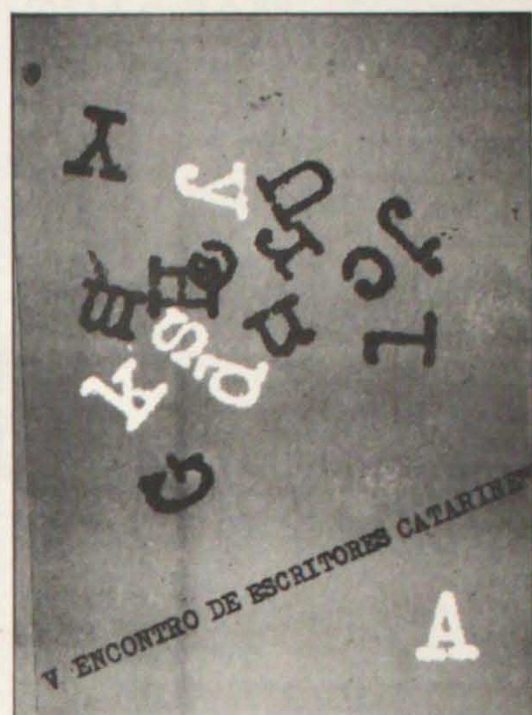
EM BRASÍLIA

COM SALDO POSITIVO

Os pedidos de recursos para a área cultural entregues pelo secretário da Cultura, Esporte e Turismo, Júlio César, e pelo superintendente da Fundação Catarinense de Cultura, João Nicolau Carvalho, ao Ministro da Educação, Eduardo Portella, estão sendo analisados pelos setores competentes do MEC, para posterior aprovação. A informação foi prestada pelo próprio Ministro ao Superintendente da FCC, que entregou àquela autoridade três projetos para execução de programas culturais no Estado, quando de sua última viagem a Brasília, em meados de janeiro.

Um dos projetos prevê a realização da Semana de Atividades Artístico-Culturais em 18 cidades de diferentes microrregiões de Santa Catarina, através das fundações educacionais existentes no Estado, e foi bastante elogiado pelo Ministro Portella, por envolver, na sua execução, estudantes dos três níveis do ensino público.

Júlio César e Nicolau Carvalho entregaram também o projeto para realização do Festival Nacional de Teatro Infantil, aqui em Florianópolis e o projeto para construção de um novo teatro na Capital, com capacidade para 1.200 pessoas. A obra deverá ser edificada em terreno doado pelo governo estadual, devendo nela ser injetados recursos da União e do Estado.



Das 15 e 16 de março de 1980
Local: Salão do Grande Hotel Blumenau
Atividade: Encontro de Escritores Catarinenses - ACE
Colaboração: TV Catarinense, Fundação Catarinense de Cultura, Conselho de Desenvolvimento de Santa Catarina, CEMER, Secretaria de Educação e Cultura, Secretaria de Meio Ambiente, Conselho Estadual de Meio Ambiente, Prefeitura Municipal de Blumenau, RBC, Unipar, Unipar 2000.

ENCONTRO DE ESCRITORES EM BLUMENAU

Nos dias 15 e 16 de março, a Associação Catarinense de Escritores — ACEs — estará realizando o V Encontro de Escritores Catarinenses, na cidade de Blumenau. As reuniões serão feitas no salão do Grande Hotel Blumenau e ali serão discutidos diversos assuntos de interesse da

classe, mormente os que dizem respeito a direitos autorais e profissionalização do escritor. Também, na ocasião, será lançado o primeiro número de "ENGENHO", publicação bimestral da ACEs. A entidade possui hoje cerca de 60 associados.

RECUPERAÇÃO TEATRO DE SÃO JOSÉ

Um contrato firmado entre a Fundação Catarinense de Cultura e a Prefeitura Municipal de São José possibilitou o início das obras de recuperação do Teatro Municipal de São José, que tem capacidade para 180 pessoas e funcionará como teatro e cinema a partir do próximo mês de novembro, data que se prevê para a conclusão das obras.

O prédio foi inaugurado em 1856. Trata-se do primeiro teatro construído em Santa



Catarina, tendo a pedra fundamental sido lançada em 1854.

NO INLE NA CEF

Junto ao presidente do Instituto Nacional do Livro, Herberto Sales, Júlio César e Carvalho expuseram a necessidade de se obter assistência técnica e financeira daquele órgão para a construção do prédio da biblioteca pública estadual e trataram da co-edição de livros de autores catarinenses.

A destinação de recursos do Fundo de Apoio Social para realização de trabalhos ligados à área cultural catarinense foi também assunto que as duas autoridades estaduais trataram com o diretor da Caixa Econômica Federal, Marcos Vinícius Villaga.

Fez ainda parte da agenda de João Nicolau e do secretário Júlio César a visita à direção da Portobrás, a quem solicitaram a cessão das dependências do extinto DNPVN, localizadas em Florianópolis, para a Fundação Catarinense de Cultura. O Ministério do Trabalho, também fez parte do roteiro do Secretário e do Superintendente da Fundação. Lá eles mantiveram contato com os responsáveis pelo Projeto Nacional de Desenvolvimento do Artesanato, já que a Fundação Catarinense de Cultura, a Fucat e a Citur estão iniciando trabalhos com vistas à efetivação desse projeto, a nível estadual.



INO DO CENTENÁRIO DE CRICIÚMA

letra: de Cornélio Dall Alba e Sueli M. Mazurana
música: de Luiz Angelo Cirimbelli

Faz cem anos que o nosso imigrante
Nesta terra selvagem pisou
E co'a força de um bravo pioneiro
Uma nova cidade fundou.

(estribilho)

Ó Criciúma de tantos janeiros,
Ó Criciúma, no teu centenário,
As novéis gerações te saúdam
Ó Criciúma, torrão legendário!

Das itálicas plagas partiram
Argonautas buscando o Eldorado
E aos poucos Criciúma surgiu
Do trabalho de um povo arrojado.

O italiano, alemão, polonês,
Africano e o luso immanados
Entoaram a música rude
Dos engenhos, das minas e arados.

Ecoaram os sinos saudosos
Nesta terra tupi-guarani
E o imigrante piedoso rezou
A oração do divino Rabi.

Ó Criciúma, sereia morena,
Que nasceste no verde sertão
Do teu seio jorraram as minas
E das minas jorrou o carvão.